



ENSAIO



Station: a abordagem sobre o *Cruising Bar* na tese de Camilo Braz

João da Silva Junior. *Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ). Membro do Núcleo de Pesquisa e em Sexualidade e Gênero - Neseq/UFRJ.*

Resumo: Este artigo faz uma breve análise sobre a apresentação, informações, representações e observações sobre o bar Station: um *Cruising Bar* que serviu como um dos campos de pesquisa para a tese de doutorado do professor Camilo Braz. Trataremos sobre as diferenciações do *Cruising Bar* em relação aos outros locais pesquisados, com especial atenção a definição de um *Cruising Bar* como um local singular ao invés de tão somente um “clube de sexo”. Analisa-se os modos como o autor apresentou o local, seu público e sua constituição física, tendo a oferta de cabines privativas para sexo como um dos seus principais diferenciais. Avançamos em algumas elucidações sob a luz da teoria socioantropológica, com o intercruzamento com outras etnografias sobre espaços de “pegação” e interação sexual entre homens. Dado o ineditismo da pesquisa de Braz na época, acreditamos haver certa indefinição nas acepções e abordagens sobre o local. Algo que, ousadamente, pretendemos ajudar a corrigir com base nos conhecimentos atuais desse ecossistema. Por fim, discorre-se em como, embora muito distante temporalmente, o Station foi o precursor do *boom* dos “*Cruising Bars*” que surgiria anos depois no Brasil.

Palavras-chaves: *Cruising*. Pegação. Sexo. Homossexualidade. Masculinidades.



Por que o Station?

Este artigo fará uma análise e discussões correlatas sobre uns dos objetos de estudo presentes na tese de 2010 de Camilo Braz: “À Meia-Luz... Uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos”: o Station.

A abordagem que Camilo Braz faz do Station e do termo *Cruising Bar* em sua tese são, portanto, objetos analíticos deste trabalho. A partir desse pressuposto, alguns outros temas se desenvolvem, num desdobramento que aconteceu sugestivamente ao longo da escrita. Friso, desde já, que, procuro nesta revisão evitar um certo excesso de “contemporização” analítica do bar Station em si, num possível, e mesmo profícuo diálogo com uma literatura mais atualizada como a presente nos chamados “estudos *queer*”. Esse diálogo não é feito, em exagero, propositalmente, para não incorrer em anacronismos analíticos.

Voltando ao trabalho de Camilo Braz, o mesmo é pioneiro em etnografar em locais comerciais “não tradicionais” de sexo, chamados de “clubes de sexo”. O pesquisador apresenta as especificidades de tais locais, como se constituíram e algumas diferenciações em relação às interações sexuais entre homens que acontecem em outros tipos de locais, como cinemas, por exemplo, ou mesmo nas saunas.

Inicialmente este artigo foi pensado para ser em ensaio. Contudo, no decorrer do desenvolvimento das análises, ficou impossível para este autor “cortar” tanta coisa que julgo ser de grande relevância, tanto para uma compreensão do que pretendo dizer, quanto efetivamente, para dar conta do objetivo central do estudo que fiz e que me fez iniciar a escrita. Fui influenciado por Bruno Latour em sua procura de fazer uma pesquisa aplicando métodos de análise socioantropológicos a uma produção científica (Latour, 2008). Nesse sentido, ficou evidente que muito mais do que um ensaio, o tema merecia um artigo que pudesse ajudar a quem lê, tanto compreender ou se familiarizar com a obra de Camilo Braz, quanto às minhas considerações sobre, ao menos, um dos elementos que a compõem.



Quanta audácia!

Tive que me apoiar no sentimento de “audácia” para ter a coragem necessária para essa empreitada. Muitas vezes, considerei-me um tanto quanto corajoso demais e até petulante em fazer essa revisitação em um trabalho que se tornou referência nos estudos da homossexualidade e seus ecossistemas correlatos, como a sociabilidade homoerótica, o mercado do sexo entre homens, os estudos de masculinidade, os estudos de gênero, e sobretudo, os estudos das práticas sexuais dos homens que fazem sexo com homens, entre eles os que se identificam como *gays*.

Para me encorajar, apoiei-me na ideia de “não esquecer que um trabalho científico de valor acadêmico deve acrescentar algo ao que já foi pesquisado e ser expressivo para o momento atual” (Echer, 2001, p. 09). Como sempre faço na minha vida: mesmo com medo, fui!

Conforme explicado, será abordado sobre as apresentações e análises que têm como objeto o bar Station e sua definição como um *Cruising Bar*. Os motivos da escolha do nosso objeto de análise são no mínimo inusitados.

Até então acreditava que apenas eu havia atinado para o termo e via nos *Cruising Bars* um excelente campo de pesquisa. Passei, a partir de um dado momento, a rascunhar algumas hipóteses e questões de pesquisa e me colocaria a propor uma investigação que pudesse corroborar com minhas hipóteses ou jogá-las por terra, apresentando outros resultados, procurando antes de tudo responder minhas questões. Acreditando no ineditismo da proposta, passei para a exaustiva revisão da literatura. A bibliografia sobre práticas sexuais entre homens no Brasil não é extensa, mas possuímos várias etnografias bastante densas.

Podemos dividir os trabalhos que abordam a “pegação viril” entre dois nichos: os que focam nas interações sexuais em espaços públicos e os que, mais posteriormente, pesquisam práticas sexuais em locais privados. Nessa segunda linha, destaco dois trabalhos: Braz (2010) por seu ineditismo a época, e Barreto (2016) por seu caráter questionador que extrapola uma etnografia “clássica” com informantes e um campo, além de colocar o próprio lugar do pesquisador de sexualidade como um objeto central de análise antropológica.



Foi quando, relendo o trabalho de Camilo Braz (2010), eu me deparei com sua ida ao bar Station. Embora já não funcione mais há muitos anos, na época da pesquisa tinha cerca de nove anos de funcionamento, sendo uma referência no seguimento de locais para sexo entre homens. Em dado momento do texto, o Station é denominado como um *Cruising-Bar*”, grafado com hífen.

Acreditei imediatamente que um dos meus trunfos argumentativos da relevância da minha futura pesquisa: a de que, em toda a bibliografia especializada, os *Cruising Bars* não eram citados (muitas das vezes por não existirem na época de tais estudos), havia sido ligeiramente arranhado. Contudo, o Station estava ali, já em 2010 no trabalho de Braz. O espaço é citado nominalmente exatamente 45 vezes. Logicamente, apeguei-me mais atentamente ao texto a partir da página 111, quando ele surge, inicialmente para mim, para ver o que o autor aborda sobre o lugar. Mais tarde, em uma revisão, notei que o termo “*Cruising-bar*” já aparecia numa nota de rodapé na página 31.

Antes de tudo, para o leitor que não leu a tese e posterior livro de Camilo, é importante compreender que seu objeto de pesquisa inicialmente eram lugares privados de interação e práticas sexuais entre homens na cidade de São Paulo, que ele os denomina como “locais comerciais para encontros sexuais, (LCES) entre homens” (Braz, 2010, p. 04). Categoria que ele cria para definir os mais diversos locais comerciais existentes onde o sexo entre homens era praticado, tais como cinemões e saunas, tendo a característica de serem locais privados. O autor faz um mapeamento desses lugares, descrevendo suas experiências no campo e inter cruzando com as análises que julga pertinentes e se fazem necessárias num estudo sobre sexualidade, gênero, mercado e construções de masculinidades, desses, nesses e por esses espaços.

Com um domínio afiado da escrita, Braz mergulha junto conosco nesses locais. Numa linguagem bastante gráfica, empresta suas memórias para que possamos compreender o que ele presenciou em tais lugares. Mais tarde, define mais precisamente o seu campo: os “clubes de sexo” entre homens na cidade de São Paulo. A tese de Camilo apresenta um esforço de iniciar uma categorização e definição desses LCES. Ainda numa abordagem inicial, o autor vai demarcando e redemarcando os agentes do mercado de sexo entre homens.



Os LCES e o Station

Quando citado, o Station é geralmente tratado objetivamente como os “clubes de sexo” são no texto. Uma categoria que não se preocupa em definir sistematicamente, mas apresenta ao longo da tese os elementos que os diferenciam de outros LCES. A escrita parece ir amadurecendo junto com consolidação do objeto e é apenas na página 161, depois de iniciarmos a leitura, que teremos uma exemplificação mais contundente do que seriam os clubes:

O sexo é nos clubes praticado e percebido de uma maneira diferente do realizado em outros LCES, pois neles tudo é feito, ou deveria ser, na frente dos demais não há cabines ou portas, não há quartos totalmente escuros. Outra diferença é que nos clubes não há toalhas, como nas saunas, nem roupas (com exceção do Station) – as pessoas circulam nesses locais de cueca ou nuas (no caso do RG, a nudez é obrigatória), algumas vezes exibindo adornos e acessórios tais como jockstraps (um tipo de cueca originalmente desenvolvido para a prática esportiva, servindo de suporte para os genitais, composto por uma tira de elástico na cintura e que deixa as nádegas à mostra), pulseiras de couro, coturnos e outros adornos associados ao leather (Braz, 2010, p. 161).

Chama nossa atenção que, embora exista o destaque para: “com exceção do Station”, assim como no sumário da tese onde dá a entender que fará uma diferenciação quando no indicativo do subtítulo da página 31 ele cita “clubes ou bares... de sexo”, o bar será tratado quase sempre como os demais “clubes de sexo”. Nos atrevemos, de uma forma um tanto quanto petulante, a dizer que é neste artigo que as características individuais do Station serão ressaltadas ao ponto que possa ser melhor demarcado como sendo um LCES específico e singular.

Embora se tratava de uma pesquisa sobre algo novo etnograficamente, quando da pesquisa, já havia um mercado sexual bem estabelecido na cidade de São Paulo, com um circuito formado por diferentes estabelecimentos (Gregori, 2007), (MacRae, 2005), (França e Simões, 2005), (Magnani, 2008), (França, 2007). Definido o campo de pesquisa, Camilo nos apresenta os espaços pesquisados, entre eles, o Station. O bar Station surgiu em abril de 1997, no bairro de Pinheiros. Bairro de médio e alto padrão. Considerado como o primeiro “clube de sexo” de São Paulo. Sua proposta era bastante diferente das saunas, que até então dominavam o circuito. A apresentação que o autor faz do local



é com base na descrição que o local fazia de si mesmo em seu próprio site, a saber:

O Station Video Bar nasceu da união de dois amigos que, depois de longa experiência em sex clubs europeus, decidiram trazer para o Brasil o conceito, e assim nasceu a primeira versão brasileira de um clube aonde as pessoas vão em busca de sexo e diversão. Há dez anos o Station é referência nacional no segmento, e, como precursor, é espelho para outras casas com o mesmo propósito. Uma das principais preocupações dos proprietários da casa é manter o sigilo de seus clientes e sua segurança, por isso hoje o Station é o mais conhecido do gênero no país (Braz, 2010, p. 111).

Entendemos que, como tudo é muito novo, nesse momento, as definições não são categóricas do ponto de vista comercial e da comunicação. A primeira apresentação do local é como um "vídeo bar" e aqui, ele acaba por ser implicitamente inserido no grupo dos "clubes de sexo" (*sex clubs*), sendo dito, ser referência, precursor e espelho para as outras casas que surgiram após. É quando ele quer reforçar a diferenciação com as saunas, que o termo *Cruising-Bar* aparece como distinção (Braz, 2010, p. 113).

Percepções e realidades

Na descrição inicial do bar, Camilo descreve: "O local trazia uma estética propositalmente *underground*, evocando uma espécie de posto de gasolina estilizado aos moldes de um bunker militar" (Braz, 2010, p. 113). O bar teria inclusive passado por uma mudança de endereço e antes, já sendo chamado de Station, era localizado realmente numa ex-oficina mecânica.

Pela narrativa apresentada no texto, é pressuposto que *underground* se dá mais pela percepção estética do que necessariamente por um conjunto de valores e práticas do lugar. Tomando como base as definições de "*underground*" e acompanhando as elucubrações feitas ao longo do texto, intuímos que a aparência seria *underground*, os comportamentos e o público não necessariamente (Goffman e Joy, 2007), (Steinmacher, 2020). Embora seja apresentado como tendo uma estética *underground*, o Station diversas vezes é caracterizado pelos interlocutores como um local mais elitizado, frequentado por um público



que é colocado em oposição aos dos espaços mais populares, como os do chamado “centrão” de São Paulo.

Ah, é aquele tipo de bar que há em Londres, em Paris, em Nova Iorque. Olhe, que legal que abriram aqui! Então, nossa clientela começou assim já, entendeu? Pessoas que, no mínimo, viajavam todo ano ou já tinham morado fora do Brasil. Então, já era um outro nível. Virou uma putaria elitizada, digamos assim.

[Nil, 44 anos, proprietário do Station, São Paulo-Rio de Janeiro] (Braz, 2010, p. 185).

Camilo Braz apresenta um tipo de antropologia que toma as experiências fornecidas pelos interlocutores como uma verdade de como as ações são, sem apontar muitas contradições entre falas e práticas, definições dadas pelos informantes e sua materialização prática no mundo real. O autor procura trabalhar dentro do “paradigma da reflexividade”, tendo como expoente o trabalho de Rabinow (1992) acerca do trabalho de campo como uma operação colaborativa, em que os informantes e o antropólogo constroem mutuamente explicações e interpretações (Rabinow, 1992).

No caso do Station, isso fica um pouco confuso, pois o local ganha várias acepções ao longo do trabalho, que avançam e retrocedem em relação às definições do que é um *Cruising Bar*. O esboço de uma definição mais ancorada não é decupado por completo, até ele desaparecer na página 238. 26 páginas antes do encerramento da tese. Indo e vindo no texto, o autor tem uma preocupação em mostrar como tudo começou até chegar ali. Camilo traça com primor uma linha genealógica tendo as festas *leather*, com sua estética voltada para o *BDSM* e acessórios em couro ou latex, norte-americanas e europeias como precursoras dos “clubes de sexo” que mais tarde se instalam no Brasil.

Concordo com Braz (2010) corroborando com Perez e Rubio (2006), quando afirmam que os “clubes de sexo” são um fenômeno assumidamente transnacional, com referência nas cenas *gays* norte-americana e europeia. O autor afirma que a questão do ponto de vista antropológico é dimensionar que elementos pretensamente transnacionais são ou não (re)apropriados localmente. Essa é, ao meu ver, uma das questões mais interessantes no caso brasileiro, onde os locais de sexo assumem contornos muito próprios, destoando do clima, decoração e mesmo das interações sexuais em relação às casas voltadas



para sexo em outros países. A conformação espacial dos Cruising Bars, por exemplo, são um dos seus principais pontos de diferenciação em relação as saunas ou aos “clubes de sexo”, que hoje, em 2024, poderíamos denominar, agora de “tradicionais”¹.

Ainda que tenha um nome de origem estrangeira, é nítido nas análises exploratórias que venho fazendo que os *Cruising Bars* brasileiros não procuram emular uma erotização europeia ou norte-americana, colocando as próprias fórmulas eróticas e de erotização bem brasileiras em funcionamento. Embora faça uma importante discussão sobre os processos de aculturação e assentamento pelos quais determinadas práticas, festas e locais se deram no Brasil, num diálogo bastante profícuo com a teoria, Braz não se detém sobre esses processos de “abraziliamento” pelo Station. Mesmo que apresente o local como um *Cruising-Bar* e coloque a questão da existência de cabines aos clientes, Braz não se fixa muito nas especificidades do local *Cruising*. Em uma nota de rodapé, o autor explica por que, mesmo definido como “*Cruising-bar*”, foi incluído na pesquisa:

Neste trabalho, refiro-me aos estabelecimentos pesquisados em São Paulo como clubes de sexo. Contudo, um dos locais investigados, como se verá adiante, é apontado como um bar. Não um bar qualquer, mas um *cruising-bar* - literalmente, um bar para a caça (*cruising*). Esse bar é, contudo, apontado como o primeiro estabelecimento a diferenciar-se dos locais para sexo tomados pelos entrevistados como tradicionais. Foi uma espécie de pioneiro para o surgimento dos clubes de sexo. Por isso, esta pesquisa o incluiu (Braz, 2010, p. 31).

Neste artigo de revisão, não nos aprofundaremos na apresentação espacial e arquitetônica dos Cruising Bars existente no século XXI. Isso ao meu ver é uma inserção que foge ao escopo da análise que pretendemos fazer aqui. Contudo, é exatamente a falta de clareza das diferenciações do espaço interno do Station, frente os “Clubes de Sexo”, uma das lacunas que apontamos aqui neste trabalho, em especial a existência das cabines de sexo, que buscam dar maior privacidade aos frequentadores. A existência dessas cabines, em relação aos “clubes de sexo”, ao nosso ver, por si só já colocariam o Station, numa outra

¹ Embora não seja foco de nosso estudo aqui, é importante esclarecer que a maioria dos “clubes de sexo” pesquisados por Camilo Braz foram deixando de funcionar tempos depois da publicação de sua pesquisa. Hoje (2024) o mercado de “clubes de sexo” é praticamente inexistente na cidade. Tendo restado as saunas e os “cinemões”, que já existiam anteriormente ao seu trabalho. Resta, contudo, o RG Bar que passou por algumas mudanças em seus posicionamentos de marca nos últimos anos.



categoria de LCE. Braz (2010) apresenta como elemento distintivo do local ser um ambiente literalmente para “caça” (*cruising*). Porém, é importante ressaltar que, via de regra, muitas das dinâmicas de “caça”, que aqui ele traduziu corretamente do *cruising* em inglês, portanto da “pegação”, também são comuns nos “clubes de sexo”.

De modo geral, metodologicamente, o autor continuará tratando o local da mesma forma que os demais. Em dado momento, todos chegam a serem incluídos na categoria “clube” (Braz, 2010, p. 167). As diferenciações mais detalhadas dos “clubes de sexo” em relação ao Station são, no geral, deixadas a cargo do leitor. Um bom exemplo está em outro diálogo que Braz tem a oportunidade de ter com os donos de outro clube: o Gladiators, que surgiu em 2004:

Binho - E começamos a pensar, né? pesquisar via internet o que existia. Em que poderíamos entrar como concorrentes.

Rogério – Sauna tá abarrotada.

Binho – Custo é elevado?

Rogério – Elevadíssimo.

Binho- Então quisemos encontrar alguma coisa que fosse, algo que desse prazer, algo que fosse voltado especificamente para esse público, né? E aí estávamos descobrindo os clubes de sexo.

Rogério – E aí fomos fuçar na internet.

Binho – Ver quem eram os concorrentes, o que eles ofereciam, né? Ele me convidava para ir, eu falava que não precisava ir porque na internet eu tinha a visão geral do que era o clube.

Rogério – Eu fui colher a fundo.

[O que existia na época?]

Binho - Havia o Blackout, na Amaral Gurgel.

Rogério – E o RG.

Binho - E o Station, que é um *cruising*...

Rogério - Um *cruising-bar*. Ele já tinha ido à Station, até antes mesmo da gente se conhecer. E eu sempre fui louco pra conhecer, né? Eu curioso, curioso, curioso, aproveitei, né? (...) E eu estava no terceiro, no segundo ano de faculdade, me formei em Marketing e Propaganda. E é muito claro nessa minha área de marketing e comunicação: você tem que ir a campo, conhecer seu concorrente.



[Rogério, 36 anos e Binho, 36 anos, proprietários do Gladiators, São Paulo] (Braz, 2010, p. 136).

O Station é citado com destaque, sendo um dos concorrentes em potencial do local. Contudo, quando o Gladiators abre suas portas em 2004, com exceção dos *Glory Holes*, apresentou uma configuração bem distinta do Station, sendo o Gladiators, portanto, outro “clube de sexo”.

Como tudo começou...

Camilo Braz (2010) inicia uma abordagem histórica dos surgimentos dos clubes no Brasil relatando o contato que teve com um dos proprietários do Station, que o recebeu em sua casa para uma entrevista. Nil, carioca de 44 anos, natural do Rio de Janeiro, saiu do Brasil para trabalhar na Europa aos 21 anos, morando por lá onze anos. Desses onze, oito trabalhou na França, onde teve contato com bares de *cruising*, tendo trabalhado em alguns. Na França conheceu outro brasileiro e juntos resolveram voltar ao Brasil, abrindo aqui uma casa parecida com as europeias. “É lugar-comum, entre os proprietários dos clubes pesquisados e entre boa parte dos frequentadores, a afirmação de que o Station abriu o terreno para o surgimento deles na cidade” (Braz, 2010, p. 116). Notamos no decorrer de todo o texto que não há uma demarcação contundente da singularidade do Station. A definição clara do que é um *Cruising Bar* não é efetivamente feita em nenhum momento.

Interessante que ao fazer um resgate do surgimento da boate SoGo, com seu “dungeon” (“masmorra” em inglês), local que pretendia ser mais diretamente *leather*, inaugurado após o Station, o autor já se preocupa em o defini-lo como um esforço “[...] maior de ampliação e segmentação do mercado de LCES entre homens no Brasil, mais especificamente em São Paulo” (Braz, 2010, p. 120). Não há um lugar realmente definido para o Station no mercado de sexo entre homens, mesmo em 2006, passados mais de quase uma década de sua abertura. Nem mesmo em 2010, quando o trabalho foi publicado. Isso fica evidente quando é chamado de pioneiro na nota de rodapé, e logo em seguida ao falar sobre outro local: o Blackout Club. Camilo apresenta o espaço, mais uma vez, usando a definição contida no site do próprio novo clube de que o Blackout Club seria “o primeiro *Sex Club* gay do Brasil.” (Braz, 2010, p.



32). A proposta do Blackout se diferenciava totalmente do Station. No primeiro com a prevalência do sexo grupal, exposto aos olhos de todos, enquanto o Station oferecia um dos maiores diferenciais que vão definir um *Cruising Bar*: o oferecimento de cabines para a prática de sexo com mais privacidade.

O que raios então é um *Cruising Bar*? Teremos uma resposta?

Uma Observação-previa:

A definição a seguir tem como base a definição que o *Seven Cruising Bar*, que existe no Brasil há mais de dez anos, construiu midiaticamente. Quando este artigo foi inicialmente escrito, faltava essa importante informação etnográfica, que agora, passado certo tempo, temos ela de modo mais consolidado após as devidas verificações. Primeiramente é importante entender o posicionamento histórico do detentor dos direitos da marca sobre o assunto:

Como marco histórico, após análise de mais de cem publicações online que englobam perfis nas plataformas *google maps*, matérias em sites voltados para seguimento gay, editoriais, linhas do tempo nas redes sociais, entre outros, podemos afirmar solidamente que quem consolida o termo *Cruising Bar* no Brasil é o *Seven Cruising Bar* (Souza, 2016), (Lado A, 2017), (GAY1, 2018), (GayBlog, 2002), (Souza, 2021). Hoje o *Seven Cruising Bar* (que leva *Cruising Bar* no próprio nome) é o detentor dos direitos exclusivos do uso da marca no Brasil na figura de seus sócios. Assim, não se trata de um termo de uso comum apropriado por um local, trata-se de fenômeno oposto: uma definição privada de marca que se popularizou graças ao investimento maciço feito pelo citado, *Seven Cruising Bar*, na construção de sua imagem.

Assim, a afirmação de que “falando do *Seven* estou falando de todos os outros *Cruising Bars*” tem suas limitações de onde prática, o que podemos afirmar (dentro da minha pesquisa mais ampla no doutorado a ser publicada em novos artigos) é que: “outros”: 1) copiam, sem autorização (segundo o relato dos donos do local). Quase que integralmente o modelo de negócios estabelecido pelo e a partir do *Seven Cruising Bar* e 2) 100% dos estabelecimentos mapeados por nós, passam a usar o termo *Cruising Bar* após o seu surgimento enquanto entidade comercial. Não surgem dentro de uma categoria pré-existente, como



“padaria” ou “farmácia”, eles emulam pertencerem a tal categoria, para disfarçar que estão antes de tudo, vampirizando os investimentos feitos ao longo dos últimos 12 anos pelo *Seven Cruising Bar*. Assim, bebem dos dividendos desse investimento, sem nada terem feito para sua efetivação. Ao contrário, passam a drenar parte do fluxo de direcionamento que o termo oferece, e o termo só oferece por que ele foi devidamente e exclusivamente indexado nesse meio de construção, consolidação, emancipação, valorização, e constituição de personalidades civis e jurídicas, que são os canais, veículos, plataformas, redes sociais e meios análogos que se estruturam ao mesmo tempo que a estruturam o que hoje chamamos de internet. Sendo que as próprias plataformas entendem o *Seven Cruising Bar* como um ativo de negócios e um patrimônio, haja vista o seu modo classificatório dentro da plataforma Meta (gerenciamento de negócios) ou na plataforma *Google (workspace)*. Então embora tenhamos tenha cunhado essa definição de “Cruising Bar” ela é cunhada a partir e exclusivamente do conceito consolidado pelo *Seven*. Podemos chamar bares similares de “bares de sexo ou “bares para homens”. Aqui tivemos a iniciativa de chamá-los de Cruising Bar como modo de facilitar a leitura, mas em nenhum momento esquecendo que existe uma marca devidamente registrada no Instituto Nacional de propriedade Intelectual (NPI) e própria definição mais consolidada de um cruising bar, só é possível hoje anos depois após o fechamento do *Station*, por conta do investimento de mídia feito exclusivamente feito pelo *Seven*. Sociologicamente neste trabalho usamos, com a devida autorização dos proprietários da marca, como um conceito “Guarda Chuva” para tratarmos da análise sobre o *Station*, mas judicial ou administrativamente essa abordagem em nenhum momento é possível, ou recomendada.

Continuando, o oferecimento de cabines para sexo, que dão certa privacidade aos seus frequentadores, é um dos principais elementos de distinção espacial, arquitetônica e de funcionamento dos *Crusing Bars* em relação aos outros espaços comerciais onde o sexo entre homens é praticado. Soma-se a isso a oferta de *glory holes* e *glory butts*², bem como a permissão de um *dress code* mais livre onde os homens podem circular de roupas, sungas, cuecas, *jockstraps* ou nus. Somamos à autodefinição como bares onde os homens vão para ir “direto ao ponto”. Assim, são espaços que se autodeclaram como *Cruising Bars* em seus

² Um buraco na parede onde os homens expõem apenas as nádegas para serem penetradas ou manuseadas.



materiais de comunicação. Não há saunas. A ideia de privacidade e discrição norteiam o clima do local. Ter locais mais privativos, cabines para casais e áreas mais restritas é um diferenciador espacial importante desses locais.

Esses podem ser entendidos como alguns elementos definidores de um *Cruising Bar*. Trata-se de uma definição mais categórica e contemporânea, com certo grau de anacronismo, mas apenas exemplificativo, de como hoje esses locais têm uma definição e um lugar claro no mercado sexual. É uma definição com base nos nossos dias atuais. Esses elementos estão espalhados na escrita de Braz, mas não aglutinados por ele, numa tentativa efetiva de separar o Station totalmente dos outros lugares pesquisados naquele período.

Interessantíssimo notar que é justo na fala de um gerente de um “clube de sexo”, em entrevista, a passagem que mais contundentemente o *Cruising Bar* pode ser compreendido como algo singular e diferente: “[...] precisamos ter o *cruising bar*, para depois poder vir o *sex club* para as pessoas poderem entender. [José, 28 anos, gerente do Blackout, São Paulo]” (Braz, 2010, p. 142). Esse “detalhe” parece passar despercebido pelo autor, que não o analisa. Essa fala, “passa batido”, e acaba por ser juntada num conjunto de relatos que Braz usa para fazer uma “diferenciação entre os estabelecimentos tidos como ‘tradicionais’ e os ‘clubes de sexo’” (Braz, 2010, p. 144). Em dados momentos no texto, sua atenção é focada em diferenciar os “clubes de sexo” das saunas. Notamos que no início de um parágrafo é esse o objetivo: “entender as fronteiras que separam as saunas dos clubes de sexo” (Braz, 2010, p. 158). Nesse momento, o Station é citado exatamente por oferecer cabines, mas aqui, sob o viés da privacidade, é aproximado muito mais às saunas do que definido como algo singular.

Ainda que, reconhecendo que as características físicas dos espaços são “fatores estes que levam a diferentes dinâmicas” (Braz, 2010, p. 158), a etnografia de Braz não explora as diferentes dinâmicas de “caça”, sociabilidade ou mesmo os tipos de interações sexuais (transas) que se estabeleciam no Station, frente aos outros lugares. Ainda nessa parte do texto, o pesquisador volta a definir tudo junto, sem se aprofundar nas pistas sobre a singularidade do Station, que os próprios relatos de campo trouxeram. “Entre os colaboradores da pesquisa, persiste a mesma idéia apontada pelos donos dos clubes de sexo – estes, ‘como o próprio nome diz’, são vistos como mais diretamente sexuais do que saunas e cinemas



pornô” (Braz, 2010, p. 158). Mesmo quando em três momentos o autor faz uma sutil diferenciação dentre “clube” e “bar de sexo”, ele volta a amalgamar tudo junto. Ao citar um exemplo, descreve: “Esses estabelecimentos são freqüentemente apontados como tendo uma proposta: a do sexo em grupo, em público, na frente dos demais” (Braz, 2010, p. 170). Esta definitivamente não é a proposta de um *Cruising Bar*. Lembremos que, três páginas antes, o Station já havia sido incluído genericamente na categoria “clube” (Braz, 2010, p. 167).

Tudo começa mesmo com o *Leather*? No Brasil?

A respeito especificamente das dificuldades de demarcar o início, tal desafio fica evidenciado quando o autor exercita um paralelo entre as festas *leather* estrangeiras e as brasileiras. Embora apresente a cena *leather* norte-americana e europeia como seminais para o surgimento do Station, este não foi tomado pelos valores e expressões *leather* logo de começo. Existe uma certa contradição no texto em que notamos uma tentativa de se estabelecer uma cena *leather* local, com exceção da SoGo com seu *dungeon*, na verdade, no geral só acontece em alguns lugares, tempos depois do seu surgimento. Apenas em 2005, o Station passou a abrigar os chamados “Encontros *Leather*” (Braz, 2010, p. 177).

Embora faça essa genealogia da influência *leather*, na prática, sua instalação se dá, em efetivo, tardiamente. No Station, apenas oito anos após sua abertura. Contudo, existe entre alguns frequentadores uma sensação de nostalgia da exclusividade, visto que há uma ideia comum entre alguns informantes de que com o tempo os espaços foram se abrindo para um público maior, tornando-se mais conhecidos, e, segundo eles, “pior freqüentados” (Braz, 2010, p. 185).

Para bem da verdade, segundo os relatos apresentados, uma cena majoritária e estritamente *leather* nunca se consolidou nos lugares em São Paulo. Os interlocutores que se reconhecem como *leathers* “de verdade” assumem que os locais sempre foram mistos, no sentido de serem frequentados tanto por seguidores de uma atitude *leather*, quanto por outros homens em geral, gerando um público majoritariamente flutuante. Concluímos que para fazer “pegação” no Station não era necessário clamar para si categorias identitárias específicas. “Se você



estiver a fim de transar, é alta a probabilidade de rolar." (Braz, 2010, p. 195). Notamos que antes de tudo, o Station é um bar, rotativo, de sexo em cabines e que seu público procura por parceiros sexuais para uma transa, mais do que a inserção dentro de determinados grupos definidos por práticas sexuais e comportamentais específicas, nem mesmo por expressões pré-determinadas de algumas *performances* de masculinidade, como no caso *leather*.

Embora não muito explícito na obra, tomando como apoio as análises prévias que venho fazendo dos *Cruising Bars* atuais, na obra de Camilo Braz (2010), notamos outra importante diferença entre o *Cruising Bar* e os “clubes de sexo”: o autor propunha que o mercado dos “clubes” em São Paulo flertava com fetiches presentes na pornografia *gay* e apropriava-se de elementos historicamente construídos nos clubes *leathers* norte-americanos e europeus, cruzando estereótipos associados à virilidade e também à sexualidade *gay*, numa relação ambivalente entre o normativo e o transgressivo (Braz, 2010, p. 222).

No *Cruising Bar* isso não acontece. Mesmo no Station, essa imagética *leather* não está presente continuamente e não existe por parte de proprietários e da maioria do público frequentador a manifestação de um interesse transgressor. Somo aqui relatos que coletei com ex-frequentadores do local³: o Station tinha um público flutuante considerável. Tal público, pelos relatos, apresentava muitas das características comuns do público dos *Cruising Bars* atuais, valorizando questões específicas que diferenciavam o Station dos demais locais. O Station estava no bairro de Pinheiros, um bairro de classe média, longe do “centrão”, considerado como degradado com um público popularesco. Desde seu início, o bar teve como inspiração uma certa sofisticação europeia. Seu público era variado, o que mantinha uma atmosfera de “*cruising* incessante”, numa “busca incessante por outros corpos para tocar e se deixar tocar” (Braz, 2010, p. 114 e 237).

Um espaço [diferenciado]

³ Como venho observando em minha pesquisa, corroborando com os achados de Barreto (2016) e Braz (2010): os espaços de sexo, acabam se constituindo como elementos/membros de um circuito, no qual os frequentadores transitam entre diferentes espaços, que comercialmente competem entre si. Mesmo passados mais de uma década do seu fechamento, pude dialogar com cerca de 38 homens que expontamente se diziam ex-frequentadores do Station. Esse contato se deu durante minhas incursões nos *Cruising Bars* ou casas similares na cidade de São Paulo nos anos de 2015, 2016 e posteriormente durante pesquisa exploratória refeita nos anos de 2023 e 2024.



Já na abertura ele se apresentou como um local “diferenciado” na estrutura física, como um “video bar”, também apresentando um serviço diferenciado: a privacidade nas cabines. Havia nele, portanto, elementos que pudessem traduzir “diferenciado” em “elitizado”. Comparativamente com outros espaços, três chaves objetivas podem ser usadas para interpretar a visão do Station como um local “diferenciado”: a conformação espacial, a localização e o preço. Ao perguntar a um dos interlocutores por que não ir em um dos espaços localizados no centro, ele dá uma série de respostas:

Pela localização, né? Eu acho que o público não deve ser muito interessante...

É... como que eu vou lhe explicar isso? Risos... Sem ser muito grosseiro... Para eu não parecer muito... petulante... as pessoas de baixa renda... Pessoas, vamos dizer assim, pessoas mais feias freqüentam esses locais...

O interlocutor continua:

Por exemplo, no centro, raramente você vai encontrar um cara lá que você fale, nossa, que bonito. ‘Uma pessoa para quem você olha e fala, nossa, que legal.’ Lá, geralmente, você encontra uma pessoa mais sofrida, judiada pela vida... risos. Ela tem 20, mas aparenta 40. E é mais ou menos por aí. Por isso que eu gosto mais de ir ao Station, tanto pela questão do espaço quanto pela questão do público [Diego, 24 anos, São Paulo] (Braz, 2010, p. 196).

Os homens “desejáveis” estariam, portanto, fora do centro. O Station, por cobrar preços de entrada mais elevados, seleciona o público pelo preço. “[sobre o Station] mas quem vai normalmente mora perto, tem nível (fala de Carlos, 34 anos, São Paulo-SP, conversa via MSN)” (Braz, 2006, p. 194). “Essas idéias, repetiram-se à exaustão, quando da realização das entrevistas gravadas” (Braz, 2010, p. 197). A descrição de corpos “desejáveis”, as hierarquias e as *performances* de masculinidade apresentam-se, portanto, neste artigo, tendo sempre as representações sobre o Station como base. Discussões similares são comuns nos trabalhos que tratam sobre sociabilidade sexual ou uma sociabilidade pelo sexo, presentes nos estudos sobre “pegação” e interação sexual entre



homens, tais como (Díaz-Benitez, 2007) (Teixeira, 2009) (Oliveira, 2006) (Barreto, 2016), entre outros.

Como já chamamos a atenção, um elemento que faz com que os *cruising Bars* tenham uma percepção diferenciada em relação aos “clubes de sexo”, gerando um afastamento dos dois lugares, é a conformação espacial do local.

Subindo a escada, chega-se a um ambiente mais escuro. Uma sala separa dois corredores, um à direita e outro à esquerda. Ambos contam com numerosas cabines, que contém glory holes (buracos nas paredes). O corredor do lado esquerdo forma um labirinto e só abre quando a casa está mais cheia, o que costuma ocorrer nas sextas e sábados, quando funciona das 21 horas até as 5 da manhã. Nos demais dias da semana, o funcionamento é das 21 horas às 3 da madrugada. No corredor do lado direito, um banheiro iluminado com luz negra traz um espelho envolto por correntes. Ao fundo dele, há uma cabine especial, que tem uma espécie de sling fixa, como um divã em formato de S, feito de ferro. Nela, também há uma Cruz de Santo André (Braz, 2010, p. 114-115).

A estrutura física, com as cabines, é uma característica de distinção, assim como localização e preço, que vão gerar essa percepção do local, para alguns, melhor do que os “clubes de sexos” e suas estruturas voltadas mais para o sexo grupal, tornando este locais, como Barreto (2016) afirma, de “espaços de sexo orgiástico” (Barreto, 2016, p 38), em geral pelo fato das orgias serem momentos de sexo coletivo, pois é onde o sexo é feito aos olhos de quem quiser ver.

Para finalizar:

A presença do Station na obra de Braz é relevante. Ela se coloca praticamente como obrigatória, uma vez que o local é o precursor do que logo mais adiante seriam conhecidos como “clubes de sexo”. Entendemos que os elementos do que poderiam ser definidores do espaço como um local singular estão, como abordamos, espalhados por todo o texto, mas não são consolidados e analisados acuradamente, impedindo uma definição explícita e categórica de “*Cruising bar*”. Tal definição não aparenta ser feita nem mesmo pelos proprietários do espaço, o que vai fazer com que metodologicamente no estudo, que o



local por diversas vezes se perca no texto dentro da categoria “clube” ou mesmo “clube de sexo”.

Intuímos que há uma falha interpretativa numa ânsia de separar os espaços tidos como “tradicionais” dos “clubes de sexo”, onde o Station acaba indo a reboque nas defesas dessa segunda categoria. Ele obviamente não é um espaço “tradicional”, mas sua singularidade não nos é devidamente apresentada ou explorada. Mesmo reconhecendo que as características físicas dos espaços são “fatores estes que levam a diferentes dinâmicas” (Braz, 2010, p. 158), muitas dinâmicas específicas sobre práticas sexuais, entre outras, não nos são apresentadas como específicas do Station.

Acreditamos que não faltou ao autor capacidade técnica para fazer o que estamos aqui destacando. Pode ser que este simplesmente não tenha se proposto a isso, embora deixe escapar, analisando outro local, que o mesmo foi “[...] parte de um contexto maior de ampliação e segmentação do mercado de LCES entre homens no Brasil, mais especificamente em São Paulo” (Braz, 2010, p. 120). O autor deixa claro em todo o texto, usando muitas das análises de Filomena Gregori (2007; 2008) de que essa “ampliação”, por si só, significa sim muita coisa material e simbólica, mas aparenta não ter a mesma visão interpretativa em relação ao Station.

Conjuntamente, acredito que parte disso também se justifica pela tarefa de Murilo de etnografar em vários espaços quase que simultaneamente, o que notamos não ser nada fácil. Sobre o lugar que o Station ocupa na tese, essas são nossas considerações quase finais.

Ao nosso ver, muitas das técnicas empregadas na “caça”, na efetivação do “tesão” pelo sexo, nas abordagens eróticas, expressões de virilidade e nos muitos tipos de interações sexuais, muitas vezes em práticas de sexo coletivas, são comuns a muitos outros espaços e momentos de interação sexual entre homens no Brasil. Mesmo reconhecendo que as características físicas dos espaços levam a diferentes dinâmicas (Braz, 2010), muitas dessas dinâmicas são comuns à “pegação” de modo geral.

Venho concluindo ao longo das minhas pesquisas, juntamente com uma análise minuciosa das pesquisas anteriormente feitas por outros pesquisadores, que muitos fenômenos de comportamento sexual, expressões da masculinidade, expressões do desejo, modos de



conquistas, métodos de abordagem de parceiros, e outros valores e significados se repetem de modo quase previsível em todos os espaços de interação sexual entre homens, levando em conta suas especificidades, por exemplo, se são espaços públicos ou privados. Intercruzo essas hipóteses com a teoria dos “roteiros sexuais” de John Gagnon (2006). A teoria dos roteiros sexuais é uma “tentativa de dispor de um recurso para descrever o modo como as pessoas praticam o sexo socialmente e para demonstrar a importância dos elementos sociais na prática sexual” (Gagnon, 2006, p. 409). Embora devam ser revisitados com muito ponderamento, em linhas gerais, os “roteiros sexuais” seriam uma série de condutas já “esperadas” dos sujeitos, pré-acionadas em experiências sexuais que estariam por acontecer.

Os sujeitos aprendem esses roteiros coletivamente e com base em suas próprias experiências. Um “pré-modo” de agir, que acredito que se casa com a ideia de administrar as expectativas do que é “ser homem” (Vale de Almeida, 1995), dentro do “sistema de gênero”, no qual existe um modelo socialmente dominante acerca da masculinidade (Connell, 2005). Masculinidade essa que orienta as escolhas sexuais no *Cruising bar*. “A seqüência do que deve ser feito num ato sexual depende da existência prévia de um roteiro que defina o que deve ser feito com tal ou qual pessoa, em tal ou qual circunstância, em tal ou qual ocasião” (Gagnon, 2006, p. 220). Assim, compreendemos por essa chave como as *performances* de gênero, ou as diferenças físicas dos *Cruising Bars* frente a outros espaços, são fundamentais para uma compreensão das dinâmicas sexuais que neles ocorrem.

Gagnon sempre trabalhou a ideia de roteiros sexuais como cambiáveis, negociáveis e, aguçadamente, sempre os correlaciona com o que ele chama de “variáveis”: idade, classe, etnicidade, religião, raça, nível de instrução, estado civil, nacionalidade etc. Esses mais tarde, juntamente com outras “variáveis”, ganharão, nos nossos dias, o peso de “marcadores sociais da diferença” na perspectiva necessária da interseccionalidade. Sempre existirá a possibilidade de comportamentos livres, novos sentidos à ação, incluindo um novo comportamento ao roteiro (Gagnon, 2006).

A conduta sexual envolve um esquema cognitivo organizado (a qual o autor dá o nome de “roteiro”). Que se dá numa relação com o ambiente e com os outros sujeitos. Seriam “recursos heurísticos para nortear e corrigir a ação” (Gagnon, 2006, p. 221), numa relação que



podemos estabelecer com os códigos de masculinidade exigidos no *cruising*, na prática da “pegação”. Os roteiros sexuais auxiliam na coordenação da execução dos atos pré e efetivamente sexuais, durante uma transa.

Ver a conduta como ‘roteirizada’, trará ‘eventos ordenados no tempo os quais ocorrem com regularidade suficiente para que os indivíduos os reconheçam em sua ocorrência, desejem participar deles com frequência e se recordem deles depois de encerrados [...]’ (Gagnon, 2006. p. 264).

Na transa, os indivíduos são solicitados a correlacionar o que fazem na prática com o que pensam de si próprios (Gagnon, 2006). O que ocorre numa interação sexual entre desconhecidos. Essa necessidade de uma roteirização ocorre em todas as condutas sexuais (Gagnon, 2006). Assim, proponho que exista o que chamo de “ethos da pegação”. Para isso faço uma comparação, desta perspectiva, com os achados de muitos outros estudos, correlacionadas à “pegação viril”, passando por Perlongher (2008), Clemente (2018), Terto Junior (1989) Green e Trindade (2005), Oliveira (2004), França (2005), Carrara (2005), Oliveira (2006), Díaz-Benitez (2007), Teixeira (2009), Santos (2012), até chegarmos em Braz (2010) e Barreto (2016), bem como muitos outros.

Falando apenas das pesquisas brasileiras, já temos dados significativos, em que é plenamente possível traçarmos padrões de uma pegação viril brasileira. Modos de interação sexual entre homens e as expressões das masculinidades socialmente construídas e reconstruídas numa perspectiva brasileira. Tais estudos apresentam a pegação não somente como um conjunto de práticas aleatórias, mas como um “saber”. “Um saber que emerge do fazer e que, ao mesmo tempo, modifica esse fazer” (Passos e Benevides, 2009). Um *ethos*.

Com arcabouço teórico sólido, afirmamos que os modos de pegação se repetem por todo território nacional, levando em consideração as especificidades das diversas regiões do país. Há ainda espaço para falarmos sobre outro aspecto presente no Station e que é uma característica nativa dos *Cruising Bars* no Brasil: a inexistência da prostituição masculina. A prostituição viril é vetada. Murilo traz o relato de um dos donos do Station, no qual um garoto de programa tentou trabalhar (se prostituir) no bar:

[...] Uma vez chegou a acontecer, uma vez, é raro acontecer isso. De o menino vir falar comigo, um rapaz ‘olhe, há um garoto que me pediu dinheiro’. Eu falei, ah é? Ele falou: é. ‘Quem foi?’ Ele me falou mais



ou menos como estava vestido o cara e fui buscá-lo. Achando-o, chamei-o para um canto e disse: olhe, desculpe, mas acho que você está no lugar errado, a gente não... nosso público-alvo não é esse.

Não é garoto de programa, entendeu? Então, desculpe-me, espero que você esqueça o endereço, a porta está ali, por favor'. Entendeu? E o cara nunca mais voltou. [Gil, 44 anos, proprietário do Station, São Paulo-Rio de Janeiro] (Braz, 2010, p. 141).

Embora a prostituição não aconteça, ela é parte erótica da pegação. Uma fantasia libidinosa de se oferecer e ser procurado permeia as dinâmicas do local. Sem o dinheiro como retribuição, os clientes utilizam-se dos mesmos subterfúgios corporais para expressar sua masculinidade outrora usados por quem fazia isso por dinheiro.

Interessante chave interpretativa: em certo sentido, os freqüentadores dos clubes de sexo utilizam-se dos mesmos atos corporais dos quais se valiam os michês estudados por Perlongher nos anos 1980 para evocar virilidade. A diferença é que não se trata mais de michês, mas de homens 'fantasiando estar num filme pornô' (Braz, 2010, p. 239).

A inexistência de prostituição masculina nos espaços de pegação, como os Cruising Bars, é objeto de um interessante trabalho desenvolvido por Ricardo Mingareli Del Valle, intitulado Prostituição versus Cruising: A Dicotomia entre as Práticas Sexuais Urbanas Gays no Red Light District em Amsterdã (2021). Como já bem ponderado aqui, a "pegação" e a "caça" nos espaços de sexo brasileiros seguem determinadas dinâmicas próprias, não muito conectadas com as práticas e estéticas europeias ou norte-americanas. Assim, a sugestível aplicação do trabalho de Del Valle sempre deverá ser ponderada, no sentido de sua efetiva validação, uma vez que sua pesquisa de 2021, já é fortemente influenciada pelo fenômeno do *boom* dos chamados *Cruising Bars* no Brasil, após a abertura do Seven Cruising Bar⁴. Isso por que, diferentemente do que se possa pensar: que os Cruising Bars brasileiros realizam uma estrangeirização da "pegação masculina", estamos na verdade diante de um fenômeno complexo, e dialógico, que para sua

⁴ Como marco histórico, após análise de mais de cem publicações *online*s que englobam perfis nas plataformas *google maps*, matérias em sites voltados para seguimento gay, editoriais, linhas do tempo nas redes sociais, entre outros, podemos afirmar solidamente que quem consolida o termo Cruising Bar no Brasil é o Seven Cruising Bar. Quase uma década depois da abertura do Station. Hoje o Seven Cruising Bar (que leva Cruising Bar no próprio nome) é o detentor dos direitos exclusivos do uso da marca no Brasil. Esse é um fato no qual apresentarei em outros artigos a serem publicados, pois não se trata de um termo de uso comum apropriado por um local, trata-se de fenômeno oposto: uma definição privada de marca que se popularizou graças ao investimento maciço feito pelo citado, Seven Cruising Bar na construção de sua imagem.



comprovação é necessário acompanhar as movimentações desse mercado no nível micro (local), médio (nacional) e macro (internacional). O que não é objeto desse estudo revisional, não sendo cabível (dado ao limite de caracteres) esse aprofundamento, mas posso afirmar com total responsabilidade que o *Cruising Bar* brasileiro vai redefinir a própria ideia de *Cruising Bar* em outros países, mesmo nos quais se considerava ou consideraríamos como sendo originários de seu surgimento como suposta categoria. Este é um dos achados que venho obtendo no caso brasileiro, sobre como o *Cruising Bar* realiza todo um esforço de distanciamento classificatório das atividades sexuais que acontecem em seu interior, não mediadas homem a homem por trocas financeiras, das que o são, nos locais de prostituição, como em alguns tipos de saunas. Essa preocupação, embora apresentada por Braz (2010), não é depurada, levando em consideração as impossibilidades da prostituição em locais com pouca privacidade como os “clubes de sexo”, ou da proibição da prostituição, em locais onde supostamente poderia acontecer, mais facilmente (mas não acontece), dado ao caráter mais privativo do *Cruising Bar*.

Caminhando para o fim do texto puxando mais mais um fio analítico: a questão do “controle”, mais precisamente do “controle de si”. Peguei esse ponto, em detrimento de outros, por que o autor usa o Station como exemplo dessa importantíssima característica dos locais de sexo entre homens. A manutenção da característica de “macho” passa por um constante “controle de si”.

É no Station um dos momentos que Braz percebe segundo ele próprio, mais claramente a tensão entre “quem sabe e quem não sabe se comportar nos estabelecimentos” (Braz, 2010, p. 179), bem como diferentes formas utilizadas para expressar e avaliar como e quem se comporta dentro do esperado. Os instrumentos de “controle de si” estão ligados ao que Bourdieu (2003), continuando suas análises sobre construções e modos sociais, chamou de *habitus*, presente na cultura masculina. O *habitus* masculino e o *ethos* da “pegação” estão inter cruzados, sendo nesses espaços, um estruturado pelo outro.

Nas salas de silêncio, suor e sexo dos estabelecimentos pesquisados, uma espécie de hiper-masculinidade é performatizada, reiterada e, também, corporificada. Um sujeito hiper-masculino de desejo é atuado corporal e gestualmente nesses contextos. Mais uma vez, é possível utilizar a ideia de controle. Os atos corporais são controlados nas salas de sexo para que a postura (ou a atitude) evoque virilidade (Braz, 2010, p. 238).



Ainda que geralmente sutis, acontecem situações mais contundentes de controle, em especial aos mais desviantes: que atrapalham a pegação dos demais, desestruturando a “tensão libidinal” (Perlongher, 2008), como, por exemplo: a figura da “bicha”.

A “bicha” como figura indesejável nos espaços de pegação nem tanto tem similaridade com uma execração da figura da mulher, mas, sobretudo, do homem afeminado. Lembramos de Díaz-Benedí (2019) quando nos lembra que: “A apreensão das hierarquias pode nos levar a desejar a aniquilação do outro em sua versão mais funesta, ou pode nos levar a desejar a permanência desse outro sempre e quando se mantenha em seu lugar” (2019, p. 69). Neste artigo, não discorreremos sobre as definições do “ser bicha” em oposição ao “ser macho”. Muitos trabalhos já fizeram isso: Braga (2013), Amico (2001), Braz (2010) Barreto (2016), Clemente (2018), Miskolci (2015), ainda: “A boa Bicha” de Sergio Rodrigo (2016).

Podemos abordar a construção desses corpos e desse *ethos* por meio de um outro conceito: a reflexividade (Giddens, 1991), como forma de se constituir a subjetividade e que se estende por todas as áreas da pessoa, inclusive o corpo, onde o *ethos* da “pegação” se manifesta. O corpo, nessa perspectiva, é resultado dos processos da reflexividade. Ao constituir uma identidade para si, a pessoa constitui um corpo específico como parte deste processo.

Para Bourdieu (2003), o *habitus* é expressão simbólica das condições de existência, inserido numa matriz previamente estabelecida de práticas determinadas anteriormente ao sujeito. O autor também usa o conceito para perceber como o corpo é mobilizado na constituição de identidades pessoais. A noção de *habitus*, aplicada aos regimes corporais e de identidade, sugere um funcionamento fora do alcance do indivíduo. Apesar das contradições dos dois conceitos, nos espaços de sexo entre homens, cheios dos mais variados corpos, cada um com suas próprias estratégias para ter prazer sexual, podemos beber das duas interpretações. Mesmo num corpo constituído num processo de reflexibilidade, o controle faz-se presente.

Além disso, eu tive de aprender a me comportar nos clubes. Não raras foram as vezes em que conversei animadamente na área do bar com meus interlocutores, quando de maneira lúdica eles analisavam minha postura e me ensinavam a sentar como macho. (Braz, 2010, p. 49)



O controle está presente na vigilância e correção de pequenos gestos e atos que os sujeitos reproduzem para estarem ou não enquadrados em categorias como “machos”, “ másculos”, “desejáveis”, “comíveis”, “pegáveis”, entre outros. Esse controle de gestos se insere na “Pantomima da masculinidade” (Silva Junior, 2014).

Não cruze as pernas! Não chore! Não fale fino! Não mexa muito as mãos! Seja firme e reto! Estufe o peito! Seja educado! São algumas das frases que são ouvidas por um sujeito do sexo masculino em certas etapas de sua vida. Normalmente na infância essas frases servirão para traçar na cabeça do jovem rapaz os paradigmas de qual é o comportamento esperado de um futuro homem. Muitas vezes, podemos ter a impressão da encenação de uma pantomima na qual alguns gestos, respirações, roupas vão contribuir para a criação de uma atmosfera cênica (Silva Junior, 2014, p. 52)

Está implícito no texto que quando Camilo (2010) aborda sobre as representações aceitáveis de masculinidade e de quais são passíveis de controle, elas também se apresentam no *Cruising-Bar* Station. Ele apresenta expressões físicas desse controle de como fazer a “pegação” de modo apropriado: “Não dar pinta”– e “fazer a linha”, saber negar os flertes com o olhar de modo correto, a escolha de roupas e acessórios, a ‘atitude’, formas de encarar a transa alheia, a postura correta das pernas apoiadas nas paredes, e outros exemplos.

Esses são alguns modos de performar uma masculinidade em situações eróticas. Os atos corporais são controlados na “caça” de modo a se expressarem de maneira viril (Braz, 2010). Elementos, portanto, de uma “pantomima da Masculinidade” (Silva Junior, 2014).

Entendemos que a masculinidade é socializada num sistema similar ao que Marcel Mauss (2003) descreve como “imitação prestigiosa”, enquadrando-se em códigos e significados consolidados coletivamente. Constitui-se, assim, a matriz do que chamamos de *habitus*. Para executar essa pantomima, como no teatro, exige-se “ensaios”, que acontecem nos momentos de sociabilidade, como brincadeiras, conselhos, avisos no microfone, grupos de WhatsApp, conversas nas áreas de fumantes, alertas e falas em geral, mas, sobretudo, observando o outro. É pela observação das virilidades dos que estavam ali antes, que os novos aprendem a encenar as suas próprias. Assim, os sujeitos aprendem aquilo que Braz (2010) vai denominar como categoria êmica: “fazer a linha”. Propomos que tal fenômeno atravessa sujeitos de todas as orientações sexuais. Nos espaços de “pegação”



sexual, muito do que é considerado másculo é valorado também pelo homem heterossexual, “[...] falando aqui de algo que seria da ordem de uma masculinidade compartilhada, ultrapassando as orientações sexuais” (Barreto, 2016. p. 24).

Em contextos sexuais, pode-se estabelecer aquilo que Braga (2013) classifica como “machonormatividade”. O que remonta à ideia de uma teatralidade homoerótica.

A própria ideia do ‘fazer a linha’ implica numa certa noção de teatralidade. As falas de muitos entrevistados evocam a ideia de que a valorização da virilidade nos clubes de sexo teria muito a ver com certa noção de fantasia (Braz, 2010, p. 236).

“São os gestos que pesam” (Oliveira, 2006), sendo falas, atos e gestos controlados para a manutenção da virilidade.

O Station é citado uma última vez como *locus* de análise dessas construções. Na página 238 do trabalho:

Para finalizar, uma cena de campo talvez seja aqui bem-vinda. Eu estava na Station, num sábado à noite, perambulando entre a área do bar e o andar de cima, onde fica o corredor com suas cabines. Alguns homens estavam encostados na parede, na penumbra esfumada pelos cigarros. As pernas dobradas na parede e sua postura remeteram-me aos michês retratados por Perlongher em sua etnografia, mais machos que o mais heterossexual dos homens, caricatos em sua masculinidade (Perlongher, 2008, p. 100) (Braz, 2010, p. 238).

Por fim, não deixa de chamar nossa atenção como o Station foi considerado precursor para os “clubes de sexo”. Ao mesmo tempo, era imprevisível que após o seu declínio, anos depois, haveria um ressurgimento dos *Cruising Bars*, com o Seven Cruising Bar, que assume no nome sua vocação e toda uma revolução comercial que isso vai suscitar no mercado erótico gay, não apenas de São Paulo, mas do Brasil inteiro. O que teria causado o declínio dos clubes de sexo em São Paulo? As hipóteses são muitas e não são objetos deste artigo. Fica aqui uma questão para um possível trabalho de pesquisa pós “À MEIA-LUZ...”.

As repercussões desse chamado “boom” dos *Cruising Bars*, suas especificidades e impactos no modo de vida sexual de muitos homens são fonte principal de um estudo já em fase exploratória avançada no qual pretendo desenvolver e aprofundar no doutorado.



Referências:

AMICO, Stephen. 'I Want Muscles': House Music, Homosexuality and Masculine Signification. **Popular Music**, Cambridge University, Vol. 20, No. 3, Gender and Sexuality, p 359-378, Oct, 2001.

BARRETO, Victor. **Festas de orgia para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina**. 2016. 348 p, Tese (Doutorado em antropologia social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRAGA, Gibran Teixeira. **“Não sou nem curto”: Prazer e conflito no universo do homoerotismo virtual**. 2013. 116 p, Dissertação (Mestrado em sociologia e antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **A meia-luz...: uma etnografia impropria sobre clubes de sexo masculinos**. 2010. 264 p, Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2010.

CARRARA, Sérgio. **Só os viris e discretos serão amados?**. In: Folha de São Paulo. 19 jun. Caderno Mais. São Paulo. 2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1906200509.htm>. Acessado 24 abr 2023

CLEMENTE, Anselmo. **Pegação: reflexões sobre o homoerotismo nas cidades**. 2018. 197 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2018

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2.ed. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2005.



DEL VALLE. Ricardo Mingareli. Prostituição versus Cruising: A Dicotomia entre as Práticas Sexuais Urbanas Gays no Red Light District em Amsterdã. Trabalho completo apresentado no V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, (Online). Realizado de 22 a 25 de novembro de 2021. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV168_MD_SA_ID_09122021194710.pdf Acesso em 07 de Julho de 2022.

DÍAZ-BENITEZ, María Elvira. Dark room aqui: um ritual de escuridão e silêncio. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n.16, p. 93-112, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/49990/54122>. Acesso 06 nov 2023

Díaz-Benedíz. Maria Dias. O gênero da humilhação. Afetos, relações e complexos emocionais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, Ano 25, n.54, p 51-78, maio/ago, 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ha/a/H9yqdHQtFhCnVPjsZgCWtrr/?lang=pt&format=pdf>. Acessado em 18 dez 2023

ECHER, Isabel Cristina. A revisão de literatura na construção do trabalho científico. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v.22, n.2, p. 5-20, jul. 2001. Disponível em: https://www.academia.edu/8091918/A_revis%C3%A3o_de_literatura_na_constru%C3%A7%C3%A3o_do_trabalho_cient%C3%ADfico. Acesso 03 abr 2023

FRANÇA, Isadora Lins. Sobre guetos e rótulos: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.28, p. 227–255, 2007.

FRANÇA, Isadora Lins; SIMÕES, Júlio. Do Gueto ao mercado. In: Green, James N.; Trindade, Ronaldo. (orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2005.

GAGNON, John. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.



GAY1. Seven Cruising Bar abre todos os dias, praticamente o dia todo. (Matéria online) 5 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://gay1.com.br/2018/12/seven-cruising-bar-abre-todos-os-dias-praticamente-o-dia-todo.html> Acessado em 29 de novembro de 2023

GAY BLOG. O que é um “cruising bar”? (Matéria online) 28 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://gay.blog.br/gay/o-que-e-um-cruising-bar/> Acessado em 23 de abril de 2023.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo: Unesp, 1991.

GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo. São Paulo anos 50: a vida acadêmica e os amores masculinos. *In: Green, James N; Trindade, Ronaldo. Homossexualismo em São Paulo e outros escritos.* São Paulo: UNESP, 2005.

GREGORI, Maria Filomena. Mercado Contemporâneo de Bens Eróticos: apontamentos etnográficos e notas sobre gênero e práticas sexuais. Comunicação apresentada. Anpocs, 31o Encontro Anual. Caxambu, 2007.

GREGORI, Maria Filomena. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. **Revista de Antropologia.** São Paulo, 51 (2), p. 575-606, SP, 2008.

GOFFMAN, Ken e JOY, Dan. Contracultura Através dos Tempos – Do Mito de Prometeu à Cultura Digital. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007

LADO A. Pegação: bar só para homens é tendência no Rio e em São Paulo. (Matéria online) Disponível em: <https://revistaladoa.com.br/2017/09/noticias/pegacao-bar-so-para-homens-tendencia-no-rio-em-sao-paulo/> Acessado em 25 Abril de 2024

LADO A. Pegação: bar só para homens é tendência no Rio e em São Paulo. (Matéria online) Disponível em: <https://revistaladoa.com.br/2017/09/noticias/pegacao-bar-so-para-homens-tendencia-no-rio-em-sao-paulo/> Acessado em 25 Abril de 2024



LATOURE, Bruno. **Disinventare la Modernità: conversazioni con François Ewald**. Milão: Elèuthera Edizioni, 2008.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James. e TRINDADE, Ronaldo. (orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. –Quando o Campo é a Cidade – fazendo antropologia na metrópole. In: Magnani, José Guilherme Cantor; Torres, Lilian de Lucca. **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.

MISKOLCI, Richard. Discreto e fora do meio” - notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.44, p. 61–90, 2015.

MAUSS, Marcel. **As técnicas do corpo**. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A Construção Social da Masculinidade**. Belo Horizonte: UFMG/Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

OLIVEIRA, Leandro de. **Gestos que Pesam - performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares**. 2006. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ . 2006.

PASSOS, Eduardo; BENEVIDES, Regina. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (orgs.). **Pistas do método cartográfico: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 150-171

PÉREZ, Fernando Villaamil; RUBIO, María Isabel Jociles. **Los Locales de Sexo Anónimo como Instituciones Sociales: Discursos y prácticas ante La prevención y el sexo más seguro entre HSH**.



Informe ejecutivo. Madrid: COGAM-Fundación Triángulo-Universidad Complutense de Madrid, 2006.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo.** São Paulo: Perseu Abramo, 2008.

RABINOW, Paul. **Reflexiones sobre un trabajo de campo en Marruecos.** Madrid: Ediciones Júcar, 1992.

RODRIGO, Sergio. **A boa bicha.** São Paulo: Pedregulho, 2016.

SANTOS, Élcio Nogueira dos. **Amores, Vapores e Dinheiro - masculinidades, homossexualidades nas saunas de michês em São Paulo.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2012.

SILVA JUNIOR, João. **MASCULINIDADES DANÇADAS: uma etnografia com os cavalheiros do Baile do Meio Dia do Centro Cultural Carioca.** 2014, 86 p, Dissertação (mestrado em sociologia e antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

SOUZA, Felipe. **Portal Pheeno.com.br. Conheça o bar carioca exclusivo para homens onde o sexo é liberado.** (Matéria Online) 13 de agostos de 06. Disponível em: <https://pheeno.com.br/2016/08/conheca-o-bar-carioca-exclusivo-para-homens-onde-o-sexo-e-liberado/> Acessado em 25 de dezembro de 2022.

SOUZA, Felipe. **Portal Pheeno.com.br. Você já foi a um cruising bar?! Felipe Ferreira conta como funciona local onde a pegação é liberada.** (Matéria online) 22 de Janeiro de 2021. Disponível em: <https://pheeno.com.br/2021/01/voce-ja-foi-a-um-cruising-bar-felipe-ferreira-Conta-como-funciona-local-onde-a-pegacao-e-liberada/> Acessada em 17 Janeiro de 2023



STEINMACHER, Gustavo. **Esboçando “underground” como ferramenta de análise histórico-musical.** Comunicação apresentada. IX Musicom - Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Música. Congresso Virtual. 2020. Disponível em: https://redemusicom.files.wordpress.com/2020/12/gt-02_gustavo-steinmacher.pdf. Acesso: 05 Nov 2023.

TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. Discursos e representações sobre os territórios de pegação em Belo Horizonte. *In*: Díaz-Benítez, Maria Elvira; Fígari, Carlos Eduardo (orgs). **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

TERTO JUNIOR, Veriano de Souza. **No Escurinho do Cinema...: Socialidade orgiástica nas tardes cariocas.** 1989, 195 p, Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de si.** Lisboa: Fim de Século, 1995.



Station! The approach to Cruising Bar in Camilo Braz's thesis

Abstract:

This article makes a brief analysis of the presentation, information, representations and observations about the Station bar: a Cruising Bar that served as one of the research fields for professor Camilo Braz's doctoral thesis. We will discuss the differences between the Cruising Bar in relation to other places researched, with special attention to the definition of a Cruising Bar as a unique place rather than just a “sex club”. The ways in which the author presented the place, its audience and its physical constitution are analyzed, with the provision of private cabins for sex as one of its main differences. We advance in some elucidations in the light of socio-anthropological theory, intersecting with other ethnographies on spaces for “making out” and sexual interaction between men. Given the novelty of Braz's research at the time, we believe there was a certain lack of definition in the meanings and approaches to the place. Something that we boldly intend to help correct based on current knowledge of this ecosystem. Finally, it discusses how, although very distant in time, Station was the precursor to the boom in “Cruising Bars” that would emerge years later in Brazil.

Keywords:

Cruising. Hookup. Sex. Homosexuality. Masculinities.

João Da Silva Junior

Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ). Membro discente do Núcleo de Estudos de Sexualidade e Gênero (Neseg/UFRJ). Mestre em Antropologia e Sociologia pelo PPGSA/UFRJ. Bacharel em Dança (UFRJ). Atuou como um dos Coordenadores da Campanha Nacional pela



Conquista do Casamento Civil Igualitário no Brasil. Consultor privado. Ex-articulador e assessor político para questões LGBT.

Recebido em: 05/04/2024

Aprovado em: 10/06/2024